



OS QUINTAIS DAS MULHERES EM COMUNIDADES FUNDO DE PASTO NO SERTÃO BAIANO: MAPEANDO USOS E MANEJO PARA A CONSERVAÇÃO DA CAATINGA¹

BARRETO, Rebeca Mascarenhas Fonseca²; BIANCHINI, Paola Cortez³; GOMES, Carlaise Freitas⁴; LEITE, Isabela Oliveira⁵; MACHADO, Priscila Helena⁶; OLIVEIRA, Crislaine Soares⁷; SILVA, Edilania Pereira⁸

² Dra. Profa. UNIVASF, Petrolina, PE, rebeca.mfbarreto@univasf.edu.br

³ Pesquisadora Embrapa Semiárido, Petrolina, PE, paola.cortez@embrapa.br

⁴ Estudante UNIVASF, Petrolina, PE, carlaise.univasf@gmail.com

⁵ Estudante UNIVASF, Petrolina, PE, isabelaleite94@gmail.com

⁶ Estudante UNIVASF, Petrolina, PE, priscilasrv@hotmail.com

⁷ Estudante UNEB, Juazeiro, BA, ela.zauri@gmail.com

⁸ Estudante UNEB, Juazeiro, BA, edilana.pereira767@gmail.com

RESUMO

Comunidades de Fundo de Pasto são organizações sociais tradicionais de uso coletivo da terra que utilizam os recursos naturais da caatinga aliando atividades de criação animal e agricultura. Nessas comunidades, os quintais produtivos, manejados pelas mulheres, possuem papel importante na alimentação familiar e conservação de espécies nativas. O presente estudo mapeou o uso e o manejo dos recursos naturais em quintais produtivos realizados por mulheres de duas comunidades de Fundo de Pasto na Bahia, Ouricuri e Cachoeirinha. Nas duas comunidades foram encontradas espécies nativas nos quintais, sendo as espécies da flora mais representativas o Umu e a Aroeira. Quanto a fauna, 16 aves “moradoras” do quintal foram relatadas pelas mulheres. Já os mamíferos foram considerados por elas como “visitantes”, reforçando a importância dos quintais para a conservação de espécies nativas da caatinga. Ouricuri apresenta uma organização dos quintais mais coletiva, podendo um quintal estar ligado a mais de uma residência de famílias com grau próximo de parentesco. Assim, os laços familiares são cruciais no modo de divisão e ocupação de terra.

PALAVRAS-CHAVE: Fundo de Pasto, Quintais Produtivos, Caatinga, Semiárido.

INTRODUÇÃO

Na região Nordeste do país, mais especificamente no Semiárido baiano, encontram-se comunidades rurais com modos de vida tradicionais cuja identidade vem se constituindo em torno da denominação *Comunidade Fundo de Pasto*. Segundo Alcântara e Germani (2009) estas comunidades são definidas por uma organização social que articula o uso de áreas individuais e áreas coletivas, caracterizando-se pelas atividades de criação animal, agricultura e extrativismo, pelas relações de parentesco e compadrio, com trocas de trabalho por reciprocidade. Nas áreas individuais a atividade predominante é a agricultura e a criação de pequenos animais em *roçados* e *quintais*, enquanto as áreas coletivas são utilizadas para criação de caprinos, ovinos ou gado. O extrativismo é realizado tanto nas áreas individuais quanto nas coletivas. A origem desta forma de organização remonta ao período colonial e deriva da imprecisão de limites e da indefinição legal dos direitos de propriedade (GARCEZ, 1987).

O espaço ao redor das moradias, chamado de quintal, cercado, muro, entre outros, configura-se como o lugar da produção e do cuidado com a saúde e com a alimentação das famílias, relacionado ao trabalho das mulheres. Nestes há fundamental contribuição à conservação da biodiversidade da Caatinga, à geração de renda e, ainda, ao trabalho e à produção realizados pelos homens. Os saberes e as práticas

¹ Projeto de Pesquisa “Análise etnoecológica e redesenho de agroecossistemas tradicionais do Território Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano”.

empregadas nestes lugares são compartilhados pelas mulheres em sentido horizontal e vertical, ou seja, tanto entre irmãs, primas, cunhadas, amigas ou vizinhas, quanto entre avós, mães e filhas.

Apesar da importância do papel das mulheres na reprodução social destes modos de vida, trabalhos, projetos ou políticas públicas que abordem este protagonismo em comunidades de Fundo de Pasto são raros. A abordagem das relações ecológicas e da importância dos quintais para a conservação da biodiversidade em ambientes semiáridos é escasso (FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007), e, apesar de existirem trabalhos sobre o papel das mulheres no manejo dos quintais e para a Agroecologia no Semiárido, estes quase nunca retratam mulheres de comunidades Fundo de Pasto.

Estudos etnoecológicos podem ser usados como ferramentas que possibilitem a compreensão e a importância dos saberes das populações humanas (POSEY et al., 1986) e, desta forma, contribuir para debates científicos que aliem a conservação da diversidade biológica e a fortalecimento de modos de vida sustentáveis, o que não é possível sem o envolvimento destes e, especialmente, sem uma abordagem que valorize e enfoque o papel das mulheres.

O presente trabalho tem como objetivo analisar e mapear o uso e o manejo dos recursos naturais em quintais produtivos realizados por mulheres de comunidades de Fundo de Pasto, abordando os aspectos socioeconômicos, etnobiológicos e de conservação da biodiversidade.

METODOLOGIA

Área de Estudo e Comunidades envolvidas

A região semiárida é marcada por um baixo índice pluviométrico, temperatura elevada e umidade do ar relativamente baixa (SILVA et al., 2010). No Território Sertão do São Francisco Baiano (Figura 1), foram selecionadas duas comunidades Fundo de Pasto para este estudo. Todas as atividades foram discutidas previamente com as mulheres das comunidades e delas a equipe recebeu todo apoio, além das associações, grupos e organizações não governamentais que prestam assessoria técnica nas referidas comunidades.

A Comunidade Fundo de Pasto Ouricuri está localizada no município de Uauá/BA, distante aproximadamente 20km da sede do município, formada por 55 famílias, é uma comunidade que vem reivindicando ao Estado de maneira histórica, o enaltecimento do seu tradicional modo de vida e o reconhecimento de seus direitos territoriais. Um dos dois principais momentos de representatividade dessa comunidade junto às comunidades de Curaçá e Canudos para o território aconteceu na década de 80, quando estas cobraram ao Estado, um diferenciado procedimento sobre a regularização fundiária da ocupação tradicionalmente coletiva de suas terras. A constituição da Cooperativa Agropecuária Familiar (Coopercuc) em 2004, com trajetória de organização que enfatiza a importância da participação das mulheres nas práticas de trabalho coletivo, uma cooperativa formada por 18 comunidades onde, entre 273 associados, 70% são mulheres, é o segundo importante momento de organização e mobilização das Comunidades Fundo de Pasto da região (BIANCHINI, 2018). Ainda segundo Bianchini (2018), além da parceria com a Coopercuc, a comunidade atua em parceria com a cooperativa L'Occitane Brasil, empresa que desenvolveu uma linha de cosméticos a base de mandacaru (*Cereus jamacaru*).

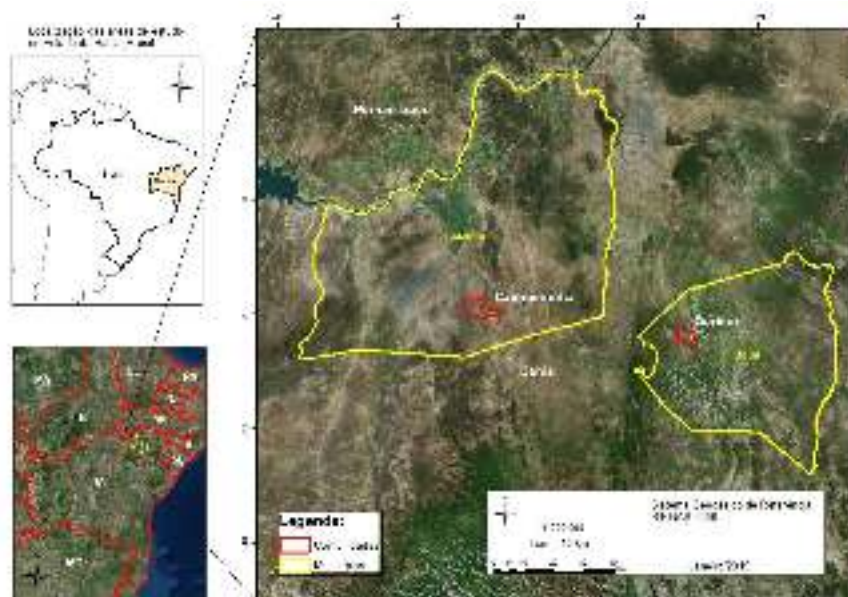


Figura 1. Localização das comunidades de Fundo de Pasto de Ouricuri (Uauá - BA) e Cachoeirinha (Juazeiro - BA).

Localizada a 60Km de Juazeiro/BA, a comunidade Fundo de Pasto de Cachoeirinha faz parte do Território do Sertão do São Francisco, bioma Caatinga, ocupando uma área de 1.400 hectares, formada por cerca de 20 famílias. A área hoje destinada ao Fundo de Pasto teve seu uso, como tal, no ano de 1986, por meio de política de governo, quando os moradores da comunidade resolveram adquirir o direito à terra cercada de forma coletiva devido aos conflitos que se iniciavam nessa mesma década. O principal canal e fonte de comercialização dessa comunidade de Fundo de Pasto são os atravessadores, assim como a comercialização direta de: carne; queijo; galinhas; ovos; hortaliças; estacas de Algaroba; esterco e buchada.

Coleta de dados

Os dados foram coletados em visitas técnicas às comunidades e oficinas de mapeamento participativo (GUIJT, 1999; LINS et al 2011). Antes de cada oficina, foram realizadas visitas técnicas para o georreferenciamento do agroecossistema com aparelho GPS e imagens de Drones para a geração dos mapas usados como base para o Mapeamento Participativo da comunidade (SIEBER; ALBUQUERQUE, 2010). Após isso, esses dados seguiram para o laboratório de geoprocessamento, onde foram obtidos os mapas das áreas individuais de tamanhos A2 (Figura 2), com os quais as mulheres realizaram o etnomapeamento participativo.

No mapa da área da comunidade as participantes tiveram uma visão ampla do território da comunidade. Nesse momento os mapas foram cobertos com folhas transparentes, nos quais, com o auxílio de canetas coloridas permanentes, as mulheres identificaram as áreas individuais, as áreas comuns, as aguadas, os chiqueiros e demais zonas diagnosticadas pelas mesmas (Figura 3a).

Após esse primeiro momento, a equipe realizou sete perguntas, a fim de entender como os quintais

produtivos são organizados em cada comunidade: i) como essa área é denominada; ii) o tamanho médio da área; iii) espécies e variedades – hortaliças, frutíferas, forrageiras, medicinais, ornamentais, alimentação; iv) espécies da Caatinga que estão incorporadas; v) criação de animais domésticos (alimentação, raça/espécie, instalações/Manejo); vi) manejo dos plantios (consórcio, adubação, controle fitopatológico, pragas/animais, águas, acesso à mudas e sementes); vii) excedente para comercialização.

O desenho da organização de um quintal padrão da comunidade foi realizado pelas mulheres, sem influência das facilitadoras a fim de manter um esboço mais real e fiel possível dessas áreas (Figura 3b). Na comunidade Cachoeirinha foi utilizada imagem de drone dos quintais produtivos de cada família com o intuito de viabilizar o desenho da organização do quintal padrão da comunidade (Figura 3c). Depois dos mapas mentais serem finalizados (Figura 3d) os dados seguiram outra vez para o laboratório de georreferenciamento, onde os mapas com a localização dos quintais foram gerados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Cinco mulheres participaram das oficinas em Ouricuri e sete em Cachoeirinha. Em Ouricuri os quintais produtivos são denominados de *cercado* e em Cachoeirinha de *quintal*. Estas tendem a ser áreas individuais, correspondendo a uma unidade residencial, que sempre varia em tamanho. Na comunidade de Cachoeirinha as mulheres não puderam inferir um tamanho médio da área dos quintais produtivos (Figura 4), entretanto, em Ouricuri o tamanho foi aproximadamente *meia tarefa*: 0,43 ha (Figura 5). Observa-se, então, que em Cachoeirinha, as áreas de quintais podem ser também áreas compartilhadas por mais de uma família (duas ou mais unidades residenciais), porém com algum grau de parentesco. Essas características reforçam que a territorialização e as estratégias para posse dos espaços nas comunidades de Fundo de Pasto possuem relação com a constituição de um patrimônio familiar, ainda que coletivamente associado à comunidade (CAMAROTE, 2011; DE CARVALHO, 2017).

As espécies de plantas e seus usos estão listados nos Quadros 1 e 2, totalizando 81 e 48 espécies em Ouricuri e Cachoeirinha, respectivamente. Dessas, as três espécies citadas pelas mulheres em Ouricuri como importantes para múltiplos usos foram Aroeira (*M. urundeuva*), Umbuzeiro (*S. tuberosa*) e Mandacaru (*C. jamacaru*). Já em Cachoeirinha foram citadas Aroeira (*M. urundeuva*), Mudubim (*Arachis* sp.) e Jurema Preta (*M. hostilis*). O umbu, aroeira e o mandacaru já foram relatadas como espécies presentes nos quintais de comunidades rurais na Caatinga, sendo a presença dessas, e de outras espécies nativas, importantes para a conservação da flora da Caatinga (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; FLORENTINO; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2006).



Figura 4. Imagem de Drone mostrando o zoneamento de quintais na Comunidade de Cachoeirinha (Juazeiro-BA).

Em Cachoeirinha, as mulheres criam em seus quintais porco, pato, galinha de capoeira, guiné, bode, cabras, ovelha, cavalo, jegue, cachorro e gato. Elas citaram 16 espécies de aves silvestres que residem nos quintais e seis espécies de mamíferos silvestres foram chamados por elas de “visitantes”, ou seja, que vem “só de passagem no quintal e não moram nele”. As mulheres afirmaram que não há espécies de lagartos e cobras nos quintais devido a presença dos gatos domésticos e das galinhas que capturam esses animais. Quando doentes os animais de criação são tratados com remédios produzidos por elas com plantas do quintal ou disponíveis no fundo de pasto, sendo as principais: babosa, aroeira e jurema preta. Os animais de criação são alimentados com forrageiras e plantas cultivadas nos roçados (palma, leucena, sorgo, melancia de cavalo), cujo complemento é feito com a introdução de ração e farelo, comprados em outras comunidades ou na feira. A adubação dos plantios é realizada com esterco de bode. As mulheres não utilizam agrotóxicos no controle fitopatológico, sendo este feito com óleo mineral, querosene e detergente.

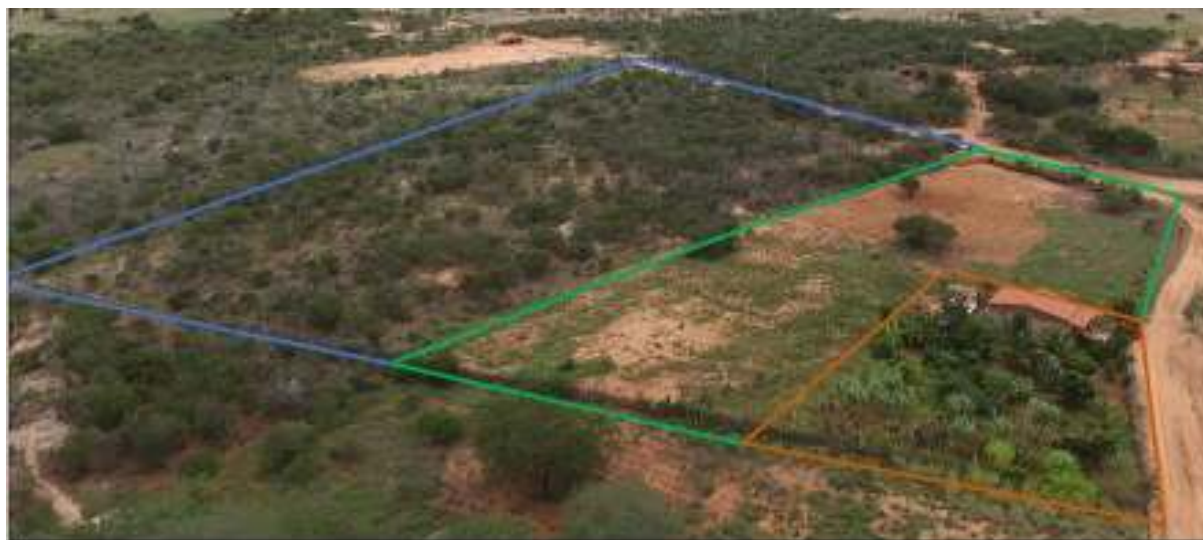





Figura 5: Imagem de Drone mostrando o zoneamento de um quintal e demais áreas individuais na Comunidade de Ouricuri (Uauá-BA).. Fonte: Bianchini (2018). Legenda:

-  Cercado dos Animais (Maternidade, área de solta e chiqueiro)
-  Roçado (agricultura dependente de chuva, cultivo de forrageiras e plantas alimentares, criação de pequenos animais, galinheiro e pocilga)
-  Quintal produtivo (Sistema agroflorestal, frutíferas e hortaliças, criação de pequenos animais, galinheiro e pocilga)

Na comunidade de Ouricuri, as mulheres criam nos cercados porco, galinha de capoeira, guiné, bode e cabras, ovelha, cavalo, jegue, cachorro, gato. Dentre as aves citadas por elas estão sabiá, cancan, cardeal, jesus-meu-deus, sofrê, lavadeira, fogo-pagou, pica-pau-marinho, casaca-de-couro, azulão-de-chiqueiro, assum-preto, garrincha, caburé (rasga-mortalha), beija-flor rabo de tesoura, beija-flor bizungão, pomba-verdadeira, cordeniz, iambú, perdiz, jacú, siriema, carcará. O teiú, o camaleão e a iguana foram os répteis que as mulheres citaram morar nos cercados. Assim como em Cachoeirinha, os mamíferos não residem nessas áreas, totalizando cinco espécies que “ficam de passagem”. Elas adubam seus cercados com “lixo do terreiro” (lixo orgânico), esterco de bode, esterco de galinha, compostagem e cobertura vegetal. Assim como em Cachoeirinha, as mulheres não usam agrotóxicos no controle fitopatológico, sendo este feito com fumo, manipueira, pimenta do reino, detergente, sal e óleo de coco licuri em diversas formulações.

A presença animal nos quintais produtivos das comunidades de Fundo de Pasto e a forma de manejo, destacam a importância dos recursos produzidos nessas áreas na contribuição para a segurança alimentar das famílias. Somado a isso, os quintais produtivos de comunidades na Caatinga, tornam-se importantes espaços educativos para a convivência com o semiárido, como reportado por Oliveira e Aguiar (2013).

Com relação aos excedentes da produção dos quintais produtivos, as mulheres de ambas as comunidades afirmaram que não há, posto que “*hoje não tem mais tanta fartura como antigamente, por isso o pouco que sobra pode ser doado*”. Esse fato é atribuído ao longo período de secas assolou a região entre 2011 e 2016, sendo considerada como a mais severa seca dos últimos 70 anos (RODRIGUES; MCPHADEN, 2014).



Em ambas as comunidades não existem ainda bancos de sementes e, portanto, as sementes para o plantio são adquiridas através da compra e/ou troca entre as moradoras. Na comunidade de Ouricuri, as mulheres armazenam esses grãos em garrafa de vidro, pois, segundo elas, esse é o melhor recipiente porque as garrafas de plástico (PET'S) "assam" as sementes e por isso é preferível utilizar recipientes de vidro.

Quadro 1. Listas de espécies vegetais presentes nos quintais produtivos na comunidade de Ouricuri (Uauá-BA).

Nativas	Aroeira (<i>Myracrodouon urundeuva</i> Allemão.), Alecrim do campo (Indeterminado [Ind.]), Angico (<i>Piptadenia monilliformis</i> B.), Calumbi (<i>Mimosa arenosa</i> Poir.), Catingueira (<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.), Coroa-de-frade (<i>Melocactus</i> sp.), Favela (<i>Cnidoscolus</i> sp.), Imburana-de-cambão (<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett), Juazeiro (<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.), Mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i> DC.), Maracujá-do-mato (<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.), Marizeiro (<i>Geoffroea spinosa</i> Jacq.), Quipá (<i>Tacinga</i> sp.), Pau-ferro (<i>Libidibia ferrea</i> (Mart ex Tul.) L.P.Queiroz), Pinhão Bravo (<i>Jatropha mollissima</i> Baill.), Quebra facão (<i>Croton conduplicatus</i> Kunth.), Rabo de Raposa (Ind.), Umburana-de-cheiro (<i>Amburana cearenses</i> (Allemão) A.C.Sm.), Umbuzeiro (<i>Spondias tuberosa</i> Arruda.), Xique-xique (<i>Pilosocereus</i> sp.).
Medicinais	Água de elefante (Ind.), Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i> L), Aroeira (<i>Myracrodouon urundeuva</i> Allemão.), Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L), Babosa (<i>Aloe vera</i> A. Berger), Boldo (<i>Peumus</i> sp.), Capim Santo (<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf), Catingueira (<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.), Erva cidreira (<i>Melissa</i> sp.), Erva doce (<i>Pimpinella</i> sp), Erva de Preá (Ind.), Canapú (Ind.), Hortelã (<i>Mentha</i> sp.), Limão (<i>Citrus</i> sp.), Malva Santa (Lamiaceae), Malvão (Lamiaceae), Mastruz (<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants), Novalgina (Ind.), Pai de chicão (Ind.), Pau-Ferro (<i>Libidibia ferrea</i> (Mart ex Tul.) L.P.Queiroz), Quebra-Faca (<i>Croton conduplicatus</i> Kunth.), Quebra-Pedra (<i>Phyllanthus</i> sp.), Romã (<i>Punica granatum</i> L.), Umburana-de-cheiro (<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.), Vichie (Ind.).
Alimentação	Abóbora (<i>Cucurbita</i> sp.), Acerola (<i>Malpighia emarginata</i> Sesse & Moc. ex DC.), Andu (<i>Cajanus cajan</i> (L. Millsp.), Alface (<i>Lactuca sativa</i> L.), Banana (<i>Musa</i> sp.), Beterraba (<i>Beta</i> sp.), Cebola (<i>Allium cepa</i> L.), Cenoura (<i>Daucus carota</i> L), Coco (<i>Cocos nucifera</i> L.), Coentro (<i>Coriandrum sativum</i> L.), Feijão (Ind.), Goiaba (<i>Psidium guajava</i> L.), Laranja (<i>Citrus</i> sp.), Licuri (<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc), Limão (<i>Citrus</i> sp.), Manga (<i>Mangifera indica</i> L.), Maracujina (<i>Passiflora edulis</i> Sims), Melancia (<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai), Mexerica (<i>Citrus</i> sp.), Milho (<i>Zea mays</i> L.), Pimenta-dedo-de-moça (Ind.), Pimenta-de-cheiro (Ind.), Pimenta Malagueta (Ind.), Seriguela (<i>Spondias purpurea</i> L.), Umbuzeiro (<i>Spondias tuberosa</i> Arruda.).
Forrageiras	Algodão (<i>Calatropis procera</i> (Aiton) W.T.), Andu (<i>Cajanus cajan</i> L.), Capim-Buffel (<i>Cenchrus ciliare</i> L.), Coroa de Frade (<i>Melocactus</i> sp.), Favela (<i>Cnidoscolus</i> sp.), Juazeiro (<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.), Leucena (<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit.), Licuri (<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.), Mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz.), Mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i> DC), Maniçoba (<i>Manihot</i> sp.), Maxixe (<i>Cucumis anguria</i> L.), Melancia de cavalo (<i>Citrullus</i> sp.), Palma (Ind.), Sambambaia (<i>Tillandsia</i> sp.), Sorgo (<i>Sorghum bicolor</i> [L.] Moench), Tamarindo (<i>Tamarindus indica</i> L.), Xique-xique (<i>Pilosocereus</i> sp.).
Ornamentais	Crote roxo (Ind.), Comigo-ninguém-pode (<i>Dieffenbachia</i> sp.), Girassol (<i>Helianthus</i> sp.), Rosa (Ind.-Rosaceae), Rosa de Veludo (Ind.-Rosaceae), Rosa Menina (Ind.-Rosaceae).



Quadro 2. Listas de espécies vegetais presentes nos quintais produtivos na comunidade de Cachoeirinha (Juazeiro-BA).

Nativas	Aroeira (<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão.), Coroa-de-frade (<i>Melocactus</i> sp.), Juazeiro (<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.), Mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i> DC.), Maracujá-do-mato (<i>Passiflora cincinnata</i> Mast), Melão-de-são-caetano (<i>Momordica</i> sp.), Pau-ferro (<i>Libidibia ferrea</i> (Mart ex Tul.) L.P. Queiroz), Umburana-de-cheiro (<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.).
Medicinais	Água de alevante (Ind.), Agrião (<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.) Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i> L.), Alecrim do Reino (<i>Rosmarinus officinalis</i> L.), Aroeira (<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão) Engl.), Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.), Babosa (<i>Aloe vera</i> A. Berger), Bezetacil (Ind.), Boldo (<i>Peumus</i> sp.), Brilhantina (Ind.), Caleno (<i>Calendula</i> sp.), Capim Santo (<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf), Erva cidreira (<i>Melissa</i> sp.), Erva doce (<i>Pimpinella</i> sp.), Hortelã (<i>Mentha</i> sp.), Juazeiro (<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.), Limão (<i>Citrus</i> sp.), Jurema Preta (<i>Mimosa hostilis</i> Benth.), Malva Santa (Ind.-Lamiaceae), Malvão (Ind.-Lamiaceae), Mamona (<i>Ricinus communis</i> L.), Manjeriço (<i>Ocimum basilicum</i> L.), Mastruz (<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants), Melão-de-são-caetano (<i>Momordica</i> sp.), Pau-Ferro (<i>Libidibia ferrea</i> (Mart ex Tul.) L.P. Queiroz), Romã (<i>Punica granatum</i> L.), Tipí (Ind.), Umburana-de-cheiro (<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.), Vichie (Ind.).
Alimentação	Cajú (<i>Anacardium occidentale</i> L.), Coco (<i>Cocos nucifera</i> L.), Graviola (<i>Annona muricata</i> L.), Limão (<i>Citrus</i> sp.), Mamão (<i>Carica papaya</i> L.), Manga (<i>Mangifera indica</i> L.), Manjeriço (<i>Ocimum basilicum</i> L.), Maracujá-do-mato (<i>Passiflora cincinnata</i> Mast), Melancia (<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakal.), Pimenta malagueta (Ind.), Pimenta olho-de-peixe (Ind.), Pimenta Roxa (Ind.).
Forrageiras	Algaroba (<i>Prosopis</i> sp.), Algodão (<i>Calatropis procera</i> (Aiton) W.T.), Leucena (<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit.), Mandacaru sem espinho (<i>Cereus hildmannianus</i> K. Schum.), Mudumbi (<i>Arachis</i> sp.), Palma (Ind.).
Ornamentais	Angélica (<i>Angelica archangelica</i> L.), Boa noite (<i>Catharanthus</i> sp.) Girassol (<i>Helianthus</i> sp.), Espirradeira (<i>Nerium oleander</i> L.), Jiboia (<i>Epipremnum</i> sp.), Juazeirinho (<i>Bougainvillea</i> sp.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados reforçam o papel do protagonismo feminino nas comunidades de Fundo de Pasto para a conservação de espécies nativas da Caatinga e soberania alimentar das famílias. Nesse sentido, compreender a consequência dos quintais produtivos em comunidades de fundo de pasto sobre a fauna e a flora local desses territórios se estrutura em uma lógica analítica e de compreensão dos fenômenos que fundamentam a formação do conhecimento necessário para atuação, contribuindo para a estruturação de ferramentas e estratégias práticas para conservação e manutenção dessas áreas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D.M.; GERMANI, G.I. **As comunidades de fundo e fecho de pasto na Bahia: luta na terra e suas especializações**. Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228754/23167>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.



ALCÂNTARA, D.M.; GERMANI, G.I. **Fundo de Pasto: Um conceito em movimento**. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, 8, 2009, Curitiba, Anais... Curitiba, 2009. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_alcantaragermani_fundopasto_conceitoem_movimento.pdf>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

BIANCHINI, F. **UMBU (Spondias tuberosa) PRODUTO DA SOCIOBIODIVERSIDADE NOS TERRITÓRIOS FUNDO DE PASTO**. Dissertação de mestrado, 127 p. Universidade Federal do Vale do São Francisco. Juazeiro/BA, 2018.

CAMAROTE, Elisa M. Territorialização e parentesco em uma comunidade baiana de fundo de pasto. **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 5, n. 1, 2011.

DE CARVALHO, Franklin Plessmann. Fundos de pasto territorialidade e uso comum. **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 10, n. 2, 2017.

FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U. P. **Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil**. Acta Botanica Brasilica, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 37-47, jan. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010233062007000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

GARCEZ, A. N. R. **Fundo de pasto: um projeto de vida sertanejo**. Bahia: INTERBA/SEPLANTEC/CAR, Salvador, 1987. 109p.

GUIJT, I. **Monitoramento participativo: conceitos e ferramentas práticas para a agricultura sustentável**. 1.ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1999.

LINS, J.; BRASIL, R.D.; FONTES, M.C.; SCHOEREDER, J.H.; BARBOSA, W.A. **Construindo uma proposta metodológica de pesquisa participativa a partir do diálogo entre Educação do Campo e Etnobiologia**. 2011. Revista Dialogos, Volume 12, Abril 2011, p 47-56. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/2348/1487>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

LOBÃO, J.S.B.; FRANCA, R.W.S.; FREITAS, N.B. **Semi-árido da Bahia, limites físico ou sócio-político? uma abordagem geotecnológica para a delimitação oficial**. Anais - II Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto Aracaju/SE, 2004. Disponível em: <<http://www.cpatc.embrapa.br/labgeo/srgsr2/pdfs/poster15.pdf>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

OLIVEIRA, D.A. **A importância das comunidades tradicionais de fundo de pasto: Estudo de caso em testa branca no município de uauá-ba**. 2014. Trabalho de conclusão de curso. 52f. Universidade do estado da Bahia, Juazeiro/BA, 2014. Disponível em: <<https://irpaa.org/publicacoes/artigos/a-importancia-das-comunidades-tradicionais-de-fundos-de-pasto-estudo-de-caso-em-testa-branca-uaua-ba.pdf>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

POSEY, D.A. **Etnobiologia: Teoria e prática**. 1986. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/190787984/Posey-1986-Etnobiologia-Teoria-e-Pratica>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

RODRIGUES, R.R.; MCPHADEN, M.J. Why did the 2011-2012 La Niña cause severe drought in the Brazilian Northeast? **Geophysical Research Letters**, v. 41, pp.1012-1018. 2014. doi:10.1002/2013GL058703.

SILVA, P. G. DA et al (ed. técnicos). **Semiárido brasileiro: pesquisa, desenvolvimento e inovação**. Petrolina. Embrapa Semiárido, 2010.